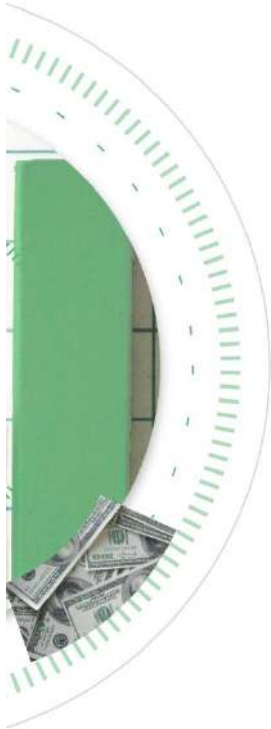


Comportamento Semanal de Mercado

6 a 13 de outubro



Pouso suave?



No relatório Panorama Econômico Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) traçou um quadro relativamente otimista para a economia mundial em 2024, aguardando uma redução no crescimento e na inflação e, principalmente, apostando no cenário básico de um “pouso suave” na atividade econômica dos EUA e China. Entretanto, não se deve desprezar o leque de fatores de riscos que podem se materializar, levando a uma desaceleração mais acentuada da economia internacional. Não só a manutenção das políticas monetárias contracionistas por um período mais longo, mas também os eventuais desdobramentos deletérios do conflito no Oriente Médio nos preços do petróleo, na inflação e na demanda global. Na busca por maior segurança, os retornos dos títulos de longo prazo dos EUA reduziram-se, com queda na semana de -0,15 p.p. para 4,63% a.a. no de 10 anos. O movimento teria sido mais acentuado não fosse o número desconfortável da inflação ao consumidor (CPI) em setembro que evidenciou o desafio da convergência à meta de 2,0%. Com os temores de uma escalada na crise, o preço do barril do Brent voltou a alcançar a marca de US\$ 90,89, com uma alta na semana de 7,5%.

Com o IPCA de setembro -0,09 p.p. abaixo do sinalizado no último Boletim Focus, a expectativa de inflação para 2023 chegou a 4,75%, o que corresponde ao teto da meta para esse ano. Ademais, a média anualizada das 5 medidas de núcleos acompanhadas pelo Banco Central (BC) desacelerou de 5,22% em ago/23 para 5,01%. Porém, mesmo com uma evolução favorável nos dados qualitativos, prossegue a reancoragem apenas parcial das expectativas inflacionárias, de modo que no horizonte relevante as projeções continuam acima do centro da meta de 3,00%. A taxa real de juros *ex-ante* ficou em 6,88% a.a., patamar fortemente contracionista quando comparado com a taxa neutra de 4,5% a.a., considerada pelo BC.

Para esta semana, a atenção deve estar também voltada para a divulgação dos números do setor de serviços e do comércio, que devem ajudar nas estimativas do Produto Interno Bruto (PIB) do 3T23, e do IGP-10 de outubro que deve mostrar alguma aceleração nos preços no atacado. No lado externo, o destaque ficará com o PIB do 3T23 na China, ao CPI na Zona do Euro e a produção industrial e as vendas no varejo nos EUA.

Expectativas

Com o IPCA de setembro -0,09 p.p. abaixo do sinalizado no último Boletim Focus, a projeção da inflação para 2023 passou de 4,86% para 4,75%, exatamente o teto da meta para esse ano. Ademais, a mediana das projeções para a inflação de outubro reduziu-se de 0,38% para 0,35%, enquanto a de novembro e de dezembro mantiveram-se, respectivamente, em 0,32% e 0,52%. Porém, mesmo com uma evolução favorável nos dados qualitativos da inflação, prossegue a reancoragem parcial das expectativas inflacionárias, de modo que no horizonte relevante para a política monetária, as projeções continuam acima do centro da meta de 3,00%. Para 2024 se mantiveram em 3,88%, enquanto para 2025 seguiram em 3,50%. A expectativa para a inflação suavizada para os próximos 12 meses ficou estável em 4,00%.

Na semana, a curva das NTN-Bs mostrou uma queda da inflação implícita, no prazo de 1 ano a redução foi de 4,26% para 4,22%, no de 2 anos de 4,66% para 4,55% e no de 3 anos de 5,05% para 4,92%.

Em linha com a comunicação do BC, o Focus continua projetando mais 2 reduções de -0,50 p.p. para a Selic, encerrando 2023 em 11,75% a.a.. O ciclo de flexibilização se estenderia nos 2 anos seguintes, com a taxa básica finalizando em 9,00% a.a. em 2024 e em 8,50% a.a. para 2025.

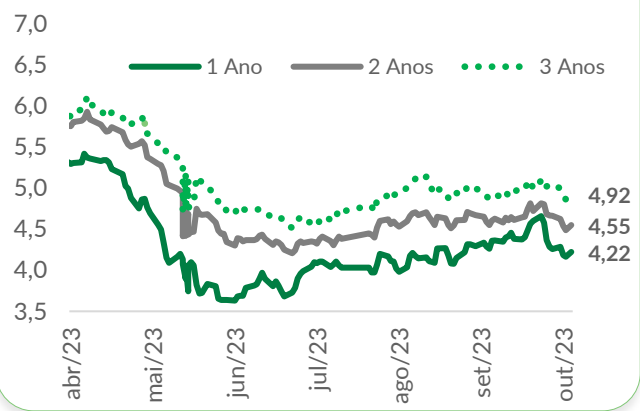
Sem alterações, o crescimento projetado para o PIB manteve-se em 2,92% para 2023, em 1,50% para 2024 e em 1,90% para 2025. O cenário esperado para a taxa de câmbio ficou estável em R\$/US\$ 5,00 para 2023, variou em +0,6% para 2024 para R\$/US\$ 5,05, prosseguindo em R\$/US\$ 5,10 para 2025.

Por fim, com as dificuldades do governo em aumentar receitas para cumprir as metas fiscais, o mercado continua projetando um déficit primário de -1,10% do PIB para 2023, -0,83% do PIB para 2024 e -0,60% do PIB para 2025.

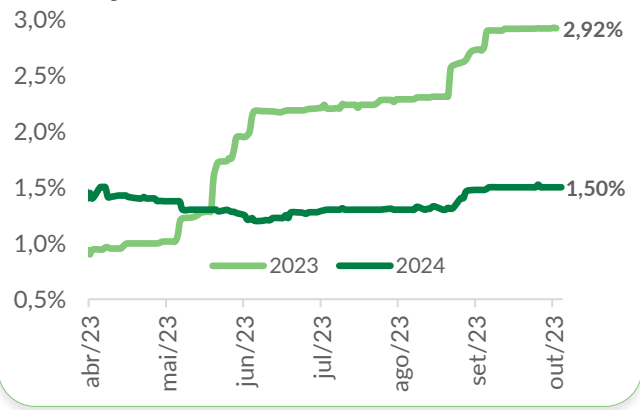
IPCA – Medianas das projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	13/10/2023	Últ. Semana	Há 4 semanas
out/23	0,35	0,38	0,39
nov/23	0,32	0,32	0,30
dez/23	0,52	0,52	0,52
2023	4,75	4,86	4,86
2024	3,88	3,88	3,86
2025	3,50	3,50	3,50

Inflação Implícita Títulos Públicos – NTN-B



PIB – Mediana das projeções Variação anual



Fonte: BCB/Focus | Anbima. Elaboração ABBC

Internacional

A ata da última reunião de política monetária do *Federal Reserve* (Fed) reforçou a mensagem de que a taxa de juros permanecerá elevada por um tempo prolongado até que se tenham sinais de que a inflação está diminuindo de forma sustentável.

O documento pontuou ainda que a atividade econômica tem se mostrado mais resiliente do que se antecipava, com o PIB se expandindo em ritmo sólido. O mercado de trabalho continua pressionado, com a taxa de desemprego permanecendo em patamar baixo e os ganhos de emprego se abrandando lentamente. Por sua vez, a inflação vem desacelerando, mas continuando distante da meta de 2,0%.

Superando as expectativas de uma alta de 0,3%, e impactado pelos custos mais altos de aluguel e gasolina, o CPI dos EUA avançou 0,4% em setembro, após uma alta de 0,6% em ago/23. Entretanto, a taxa anualizada manteve-se em 3,7% a.a.. Já o núcleo da inflação, que desconsidera as variações de alimentos e energia, registrou um incremento mensal de 0,3% e de 4,1% a.a., em linha com o esperado.

Após uma alta de 0,7% em ago/23, a inflação ao produtor (PPI) dos EUA subiu 0,5% em setembro. Impulsionada pelos aumentos no gás e energia, o indicador superou a expectativa de uma elevação de 0,3% do levantamento do Refinitiv. Dessa forma, a taxa anualizada passou de 2,0% a.a. em ago/23 para 2,2% a.a.. O núcleo do índice, que exclui os componentes de alimentos, energia e serviços comerciais cresceu 0,2% no mês, o que representou o 4º avanço mensal consecutivo. A medida em 12 meses do núcleo do índice saiu de 2,9% a.a. em ago/23 para 2,8% a.a..

Os pedidos semanais por seguro-desemprego mantiveram-se em 209 mil na semana encerrada em 7 de outubro, ligeiramente abaixo da projeção de 210 mil relatada pelo *The Wall Street Journal*, continuando em níveis baixos para padrões históricos.

Ainda, a confiança do consumidor nos EUA recuou em outubro. A leitura preliminar da Universidade de Michigan mostrou que o índice passou de 68,1 pts. em set/23 para 63,0 em outubro, abaixo da projeção apontada pela Reuters de 67,2 pts.

Na China, os índices de preços seguiram sem pressões relevantes, em meio à fraca demanda de consumidores e empresas. O CPI desacelerou de uma alta de 0,1% a.a. em ago/23 para estabilidade em setembro. Enquanto o PPI saiu de -3,0% a.a. para -2,5% a.a. na mesma base de comparação.

No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 77,71 bilhões, após um saldo positivo de US\$ 68,36 bilhões em ago/23. As exportações contraíram-se -6,2% em setembro, na comparação anual, enquanto previa-se uma queda de -7,5%. Já as importações cederam -6,2% no mês, na mesma base de comparação, bem acima da previsão de queda de -5,0%.

Na Zona do Euro, a produção industrial cresceu 0,6% em agosto frente ao mês anterior, após encolher -1,3% em jul/23. A produção de setores intensivos em energia continuou fraca na região em razão de preços elevados dos insumos.

Aversão ao Risco

A aversão ao risco foi regida na semana pelo crescimento dos temores de uma escalada do conflito no Oriente Médio. O petróleo foi o ativo mais impactado, de modo que o preço do barril do Brent alcançou a marca de US\$ 90,89, com uma alta na semana de 7,5%.

Na busca por maior segurança, ocorreu a tradicional corrida para os títulos de longo prazo dos EUA. Assim, os retornos das T-Notes caíram: -0,04 p.p. para 5,04% a.a. no prazo de 2 anos; -0,10 p.p. para 4,65% a.a. no de 5 anos; -0,15 p.p. para 4,63% a.a. no de 10 anos; e -0,17 p.p. para -4,78% a.a. no de 30 anos. Porém, a partir da divulgação de um CPI menos favorável, na 5ª feira de manhã, foi devolvida parte da queda das taxas de juros.

Entretanto, de momento, a expectativa majoritária é de que a crise não produza uma alteração no rumo da política monetária nos EUA. No dia 13/10, a ferramenta Fedwatch do CME Group indicava a probabilidade de manutenção dos *fed funds* no atual patamar (entre 5,25% e 5,50% a.a.) de 93,8% na reunião de novembro e de 69,6% de dezembro. Com esse pressuposto, alguns membros do Fed afirmaram que o "pouso suave na economia" tem se mostrado cada vez mais provável, embora as altas taxas de juros e os efeitos do aperto monetário vão perdurar por um tempo maior.

Com destaque para o início da temporada de balanços, as bolsas norte-americanas tiveram resultados distintos, com elevações de 0,8% no Dow Jones e de 0,4% no S&P 500 e a retração de -0,2% na Nasdaq.

Nos mercados europeus prevaleceu a cautela, o DAX 40 caiu -0,3%, mais impactado pelo sentimento de aversão, e o FTSE 100 subiu 1,4%, puxado por ações ligadas ao petróleo. Na Ásia também se verificaram comportamentos distintos. O índice Nikkei 225 fechou com forte ganho de 4,3%, porém o Xangai encerrou com perda de -0,7%, após números mais fracos da inflação e as exportações continuarem a cair, aumentando as preocupações quanto à demanda global por produtos chineses.

Nesse contexto, o minério de ferro negociado em Qingdao registrou uma queda de -1,6% em relação ao encerramento do dia 28/9, último dia antes do fechamento para as festividades na China. Por sua vez, o preço da saca de soja, na bolsa de Chicago, subiu 1,1% na semana.

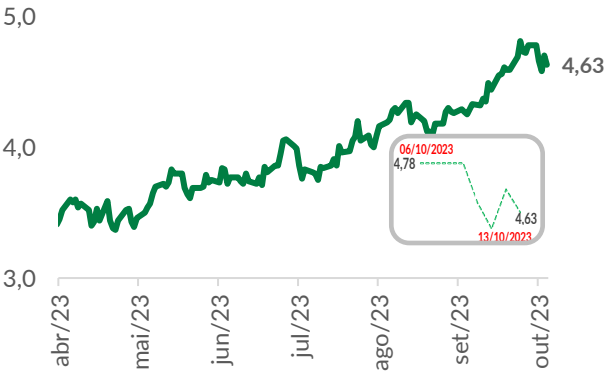
Os ativos locais exibiram bons resultados na semana, com o prêmio do CDS que mede o risco soberano brasileiro recuando -7,2 bps. para 185,2 bps.. Beneficiado pelas ações ligadas ao setor de petróleo, o Ibovespa encerrou com uma alta de 1,4%, voltando para patamar acima dos 115 mil pontos.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	13/10/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	115.754	1,4%	-2,0%	1,3%
Nasdaq	13.407	-0,2%	-2,9%	25,9%
S&P	4.328	0,4%	-3,1%	17,9%
Dow Jones	33.670	0,8%	-2,6%	12,1%
FTSE 100	7.600	1,4%	1,0%	10,9%
DAX 40	15.187	-0,3%	-3,0%	22,9%
Nikkei 225	32.316	4,3%	-1,2%	23,2%
Xangai	3.088	-0,7%	-1,1%	2,4%

T-Note 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

FMI – Out/23

No relatório Panorama Econômico Mundial, o FMI traçou um cenário relativamente otimista para a economia mundial em 2024, projetando uma redução no crescimento e na inflação. Adicionalmente, apresenta como maior possibilidade um “pouso suave” nas atividades dos EUA e China. Mas não se deve desprezar riscos importantes que podem se materializar e desacelerar mais acentuadamente a economia global. O FMI manteve a sua projeção de desaceleração no ritmo de crescimento da economia mundial, saindo de 3,5% em 2022 para 3,0% em 2023. O ritmo mais lento após a pandemia refletiria as dificuldades com a sequência do conflito no Leste Europeu, o aumento do custo de vida – principalmente com a elevação dos custos com energia – e o aperto das condições monetárias globais para combater a inflação mais elevada em décadas.

Não contemplando a crise no Oriente Médio, o FMI projetou uma alta de 2,9% na produção mundial em 2024, o que representou uma diminuição de -0,1 p.p. em relação ao relatório de julho. Condizente com um cenário de “pouso suave”, estima uma desaceleração da inflação global de 9,2% em 2022 para 5,9% em 2023 e 4,8% em 2024.

O relatório apontou comportamentos distintos entre as regiões, ressaltados pelas fragmentações geopolíticas, incluindo os efeitos dos apertos monetários, as retiradas de estímulos fiscais e eventos climáticos. Assim, enxergou um abrandamento mais intenso nas economias avançadas do que nas emergentes. Entretanto, as projeções para o crescimento das economias avançadas seguiram em 1,5% para 2023 e em 1,4% para 2024. Em relação à julho, as projeções para os EUA subiram 0,3 p.p. para 2,1% em 2023 e 0,5 p.p. para 1,5% em 2024, após surpresas positivas com consumo e investimentos mais fortes. Já a estimativa para a Zona do Euro recuou -0,2 p.p. para 0,7% em 2023 e -0,3 p.p. para 1,2% em 2024, refletindo o aperto nas condições do crédito imobiliário e para investimento na atividade econômica. Por sua vez, a previsão para o Reino Unido subiu 0,1 p.p. para 0,5% em 2023, enquanto para 2024 caiu -0,4 p.p. para 0,6%.

No caso dos mercados emergentes, a estimativa para 2023 permaneceu em 4,0%, mas recuou -0,1 p.p. para 4,0% em 2024. Neste caso, ressalta-se a dificuldade chinesa de reativar sua economia após a pandemia da Covid-19, principalmente com a crise no setor imobiliário, revelando um cenário político complexo para restaurar a confiança. Assim, as projeções caíram -0,2 p.p. para 5,0% em 2023 e -0,3 p.p. para 4,2% em 2024. Em franca expansão, a economia indiana deverá crescer 6,3% em 2023 e em 2024. Em ritmo maior do que a economia mundial, porém abaixo da média de seus pares emergentes, a projeção para o crescimento da atividade brasileira registrou forte elevação de 1,0 p.p. para 3,1% em 2023, enquanto para 2024 subiu 0,3 p.p. para 1,5%, refletindo o desempenho melhor do que o esperado no 1º semestre, impulsionado por agricultura e setor de serviços. Com relação à inflação, se espera uma desaceleração para 4,7% em 2023 e 4,5% em 2024, vendo a adoção da meta contínua um exemplo na eficácia operacional e na estratégia de comunicação, ajudando a reduzir a incerteza e a aumentar a eficiência da política monetária.

Projeções da Perspectiva Econômica Mundial				
(Crescimento real do PIB, variação percentual anual)				
	Projeções		Diferença julho	
	2023	2024	2023	2024
Produção Mundial	3,0%	2,9%	0,0	-0,1
Economias Avançadas	1,5%	1,4%	0,0	0,0
EUA	2,1%	1,5%	0,3	0,5
Área do Euro	0,7%	1,2%	-0,2	-0,3
Reino Unido	0,5%	0,6%	0,1	-0,4
Mercado Emergente	4,0%	4,0%	0,0	-0,1
China	5,0%	4,2%	-0,2	-0,3
Índia	6,3%	6,3%	0,2	0,0
Rússia	2,2%	1,1%	0,7	-0,2
Brasil	3,1%	1,5%	1,0	0,3
México	3,2%	2,1%	0,6	0,6

Câmbio

O dólar encerrou a semana com uma alta frente às moedas dos países desenvolvidos. O *Dollar Index* subiu 0,57%, refletindo as depreciações de 0,77% na libra esterlina e de 0,72% no euro.

Já as moedas dos países emergentes foram favorecidas pelas elevações nos preços das *commodities* agrícolas e energéticas. Assim, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas desses países exibiu elevação de 0,21%, com destaques para as apreciações de 3,18% no rublo russo, de 1,90% no peso colombiano, de 0,42% no peso mexicano e de 1,54% no rand sul-africano.

Apreciando-se em 1,36%, o real encerrou a semana com o dólar cotado a R\$ 5,08. Nesse contexto, o BC manteve sua atuação no mercado cambial, com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/12/2023.

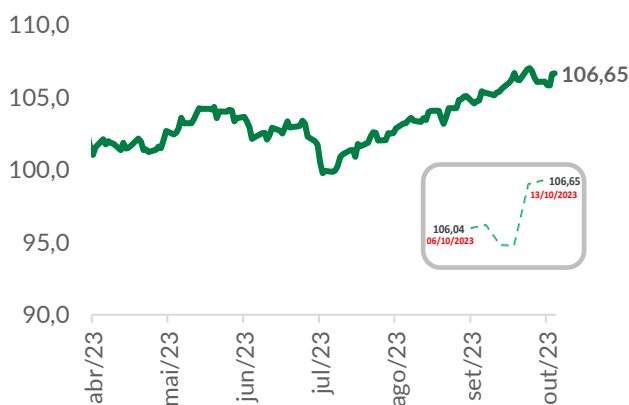
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

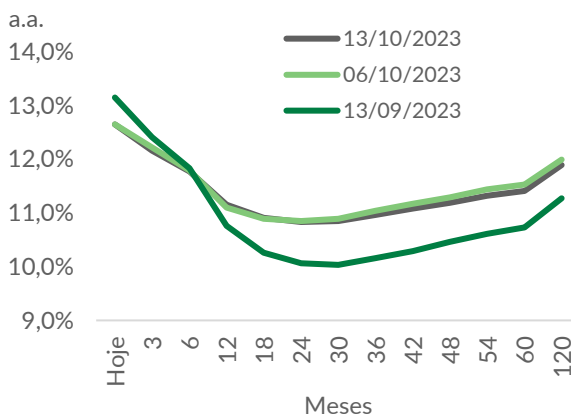
Taxa de Juros

Na ausência de vetores locais, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) acompanhou os mercados do exterior. Em relação à semana anterior, a taxa de 6 meses saiu de 11,79% a.a. para 11,77%, a de 1 ano de 11,10% a.a. para 11,15%, a de 18 meses de 10,89% a.a. para 10,91%, a de 2 anos de 10,85% a.a. para 10,83%, a de 3 de 11,04% a.a. para 10,96%, a de 4 de 11,29% a.a. para 11,19%, a de 5 de 11,53% a.a. para 11,41% e a de 10 anos saiu de 11,99% a.a. para 11,89%.

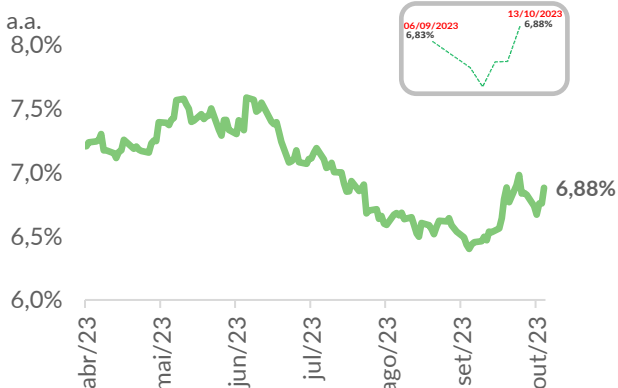
Com a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias subindo 0,05 p.p. na semana para 11,15% e a inflação esperada para os próximos 12 meses estável em 4,00%, a taxa real de juros *ex-ante* encerrou em 6,88% a.a., o que representou uma elevação de 0,05 p.p. no período, avançando ainda mais em patamar fortemente contracionista.

Por fim, a medida de risco, calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,22 p.p. na semana, fechando em 0,89 p.p.. Diferentemente, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima recuou -0,14 p.p. no período, encerrando em 0,98 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

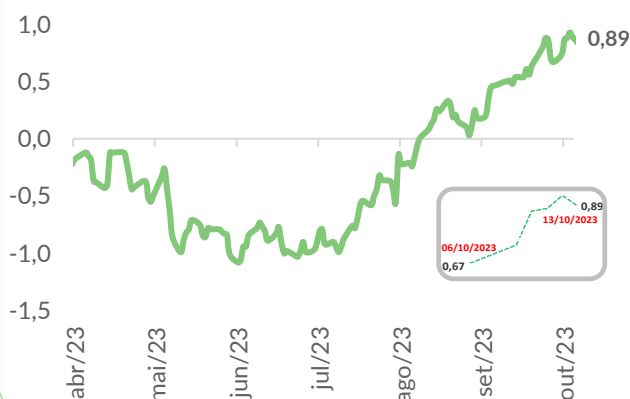


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Set/23

Com uma ligeira aceleração em relação ao 0,23% de ago/23, o IPCA de setembro registrou uma alta de 0,26% que veio abaixo da projeção de 0,35% do Boletim Focus. O resultado foi impulsionado pela alta dos combustíveis veicular (+2,70%), sobretudo gasolina (+2,80%) e óleo diesel (+10,11%).

Contribuindo com +0,29 p.p. no índice do mês e com uma alta de 1,40%, o resultado do grupo Transportes foi impulsionado pelo aumento da gasolina, subitem com maior contribuição individual (+0,14 p.p.). Destaque ainda para o aumento de 13,47% nos preços das passagens aéreas (-11,69% em ago/23.). Em compensação, o grupo de Alimentação e Bebidas impactou em -0,15 p.p. no índice do mês, com queda de -0,71%, beneficiado pelo recuo nos preços da alimentação no domicílio (-1,02%).

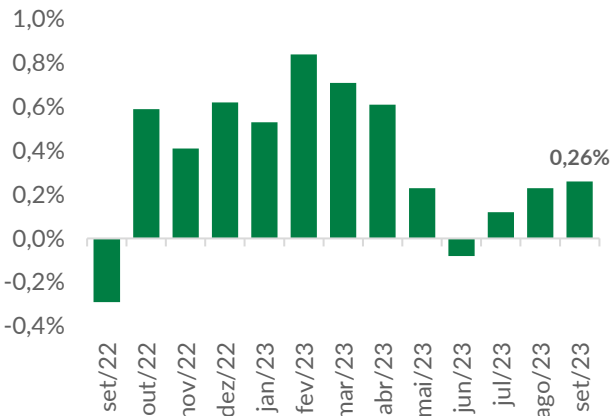
Com a exclusão do cálculo de fatores pontuais como a forte redução dos preços de bens monitorados e os descontos concedidos aos veículos novos, a taxa anualizada elevou-se de 4,61% a.a. em ago/23 para 5,19% a.a. (7,17% a.a. em set/22).

Mas a despeito do avanço mensal, os dados qualitativos continuam mostrando uma melhora consistente da inflação e compatíveis com o processo de flexibilização monetária. A média mensal dos 5 núcleos acompanhados pelo BC desacelerou de 0,28% em ago/23 para 0,22% e a taxa anualizada passou de 5,22% a.a. para 5,01% a.a. (10,12% a.a. em set/22).

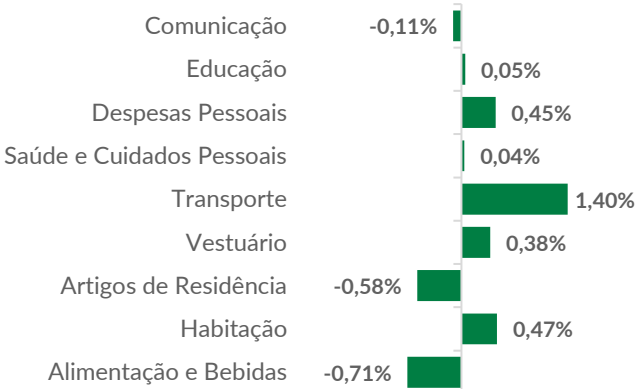
Considerando-se as medidas subjacentes, a inflação de alimentos desacelerou de 4,55% a.a. em ago/23 para 4,05% a.a., a de bens industriais de 6,45% a.a. para 5,44% e a de serviços, de 5,49% a.a. para 5,19% a.a..

Analisando-se as categorias de uso, houve também arrefecimento na margem de -0,80% para -0,83% para não duráveis (1,63% a.a.), de 0,41% para 0,15% para os semiduráveis (5,45% a.a.) e de 0,41% para -0,22% para duráveis (-0,18% a.a.).

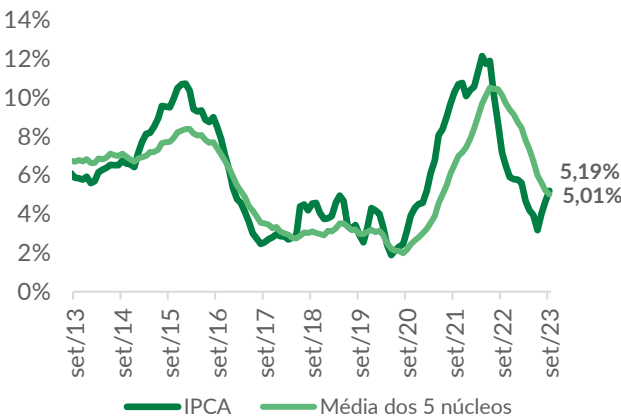
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupos



Variação Anual



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

PEIC – Set/23

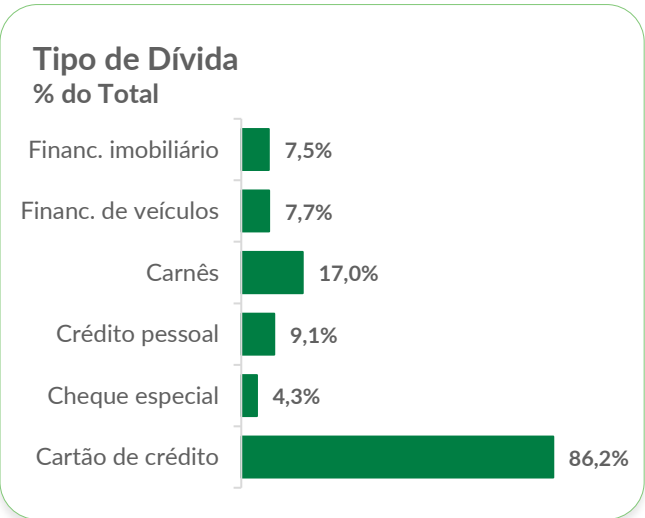
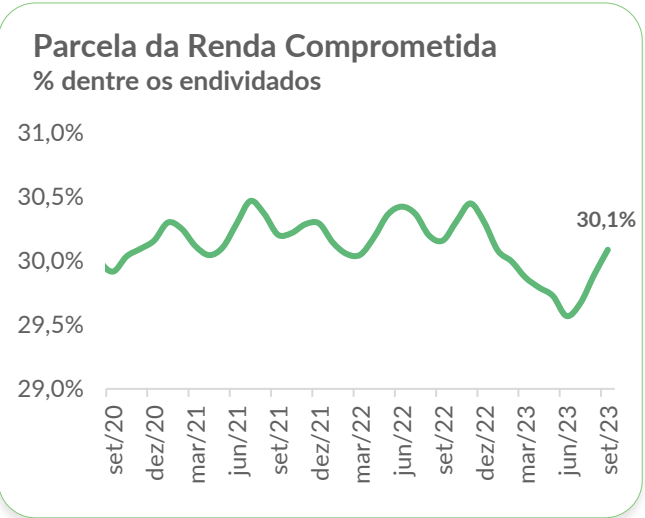
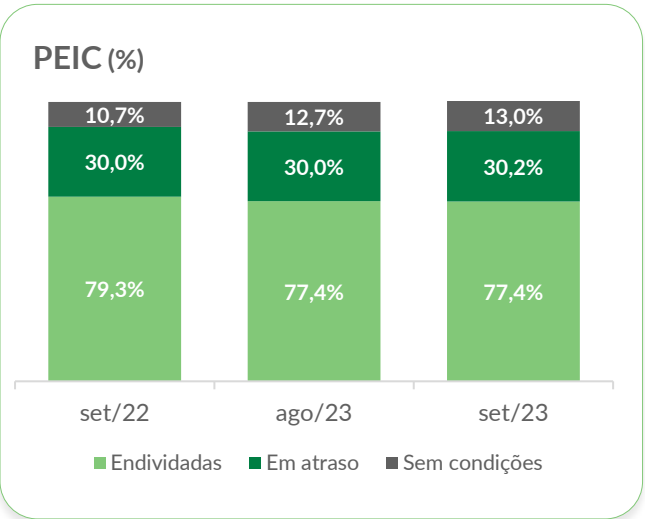
A Pesquisa de Sentimento de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC mostrou estabilidade na margem no percentual de famílias que se identificavam como endividadas. No menor nível desde jun/22, o indicador alcançou 77,4%, com uma queda de -1,1 p.p. ante jun/23 e de -1,9 p.p. ante set/22. Deste total, 17,7% das famílias consideravam-se como “muito endividadas” (+0,2 p.p. no mês e ante set/22).

Apesar do arrefecimento da percepção de endividamento, o percentual de famílias que declararam estar com dívidas em atraso chegou a 30,2% (+0,2 p.p. no mês, +1,0 p.p. ante jun/23 e +0,2 p.p. ante set/22), a maior proporção desde nov/22. Em consonância, o contingente dos que afirmaram que não terão condições de quitar contas atrasadas de meses anteriores ampliou-se para 13,0% (+0,3 p.p. no mês; +1,0 p.p. ante jun/23; e + 2,3 p.p. ante set/22), o maior nível da série histórica iniciada em jan/10.

O aquecimento do mercado de trabalho formal e a queda da inflação favoreceram os orçamentos domésticos, fazendo com que menos pessoas necessitem recorrer ao crédito. Contudo, com os juros ainda elevados e a maior quantidade de dívidas a vencer, as famílias ainda encontram dificuldade de quitar os compromissos em aberto há mais tempo.

A despeito do contexto econômico mais favorável, a quantidade de consumidores com dívidas atrasadas a mais de 90 dias atingiu 47,8% dos inadimplentes, a maior proporção desde mar/20. Ainda, a parcela da renda comprometida atingiu 30,1% do rendimento das famílias (+0,2 p.p. no mês; +0,5 p.p. ante jun/23; e -0,1 p.p ante set/22).

No que tange às modalidades de dívida, o cartão de crédito voltou a ganhar participação no volume de endividados, representando 86,2% das respostas (+0,7 p.p. no mês; +0,2 p.p. ante jun/23; e -0,1 p.p. ante set/22). Em seguida aparecem as dívidas com carnês (17,0%) e crédito pessoal (9,1%).



Fonte: CNC.. Elaboração ABBC

Varejo – Set/23

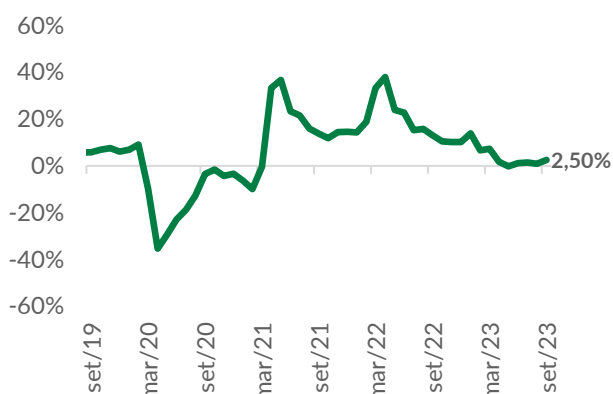
Descontado o efeito da inflação, a evolução anual do índice de varejo ampliado da Cielo (ICVA) se manteve em terreno negativo, encerrando setembro com uma retração de -1,6% a.a., após recuar -1,90% a.a. em ago/23 (+0,28% a.a. em set/22). Em termos nominais, que espelham a receita de vendas observadas pelos varejistas, houve crescimento de 2,50% a.a., ante uma alta de 0,90% a.a. em ago/23.

Ainda no mês, analisando-se a dinâmica por setor, as vendas de bens duráveis e semiduráveis registraram contração de -1,7% a.a., com forte redução em materiais de construção. Os bens não duráveis apresentaram queda de -1,1% a.a. no faturamento, com destaque para o segmento de livrarias, papelarias e afins. Por sua vez, os supermercados e hipermercados registraram aumentos nas vendas, favorecidos pela deflação no setor de alimentos.

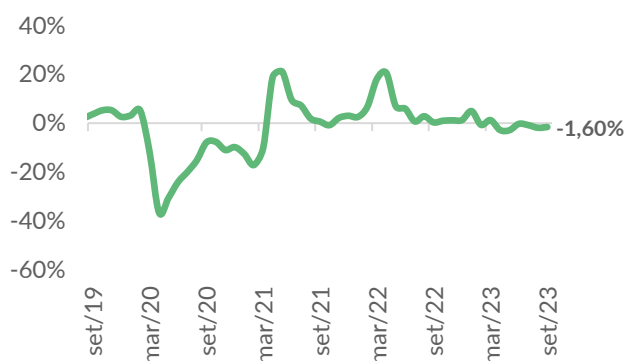
Já o varejo de serviços registrou retração de -2,9% a.a., impactado sobretudo pelo segmento de bares e restaurantes.

De acordo com a Cielo, efeitos de calendário contribuíram para que a retração do varejo em setembro não fosse mais acentuada. Isso porque, o mês contou com um sábado a mais, dia de forte movimento no comércio, e uma quinta-feira a menos.

Variação Anual



Variação Anual Deflacionado pelo IPCA



Fonte: Cielo. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	3,0	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,8	8,4
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,8	3,9
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,8	3,9
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	72,0	62,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-43,0	-51,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,10
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,2	-0,9
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,3	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	65,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,8	80,5



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688